

## MÚSICA, CULTURA E SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE ITAPUÃZEIRA

Harue Tanaka-Sorrentino<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de um recorte do estudo de caso etnográfico intitulado “Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã” (2012), sobre um escolhido contexto não escolar de aprendizagem musical. No afã de manter e criar oportunidades de sustentabilidade através de sua manifestação artística e musical, o grupo das Ganhadeiras vem encampando vários projetos. Este trabalho trouxe importantes contribuições para o estudo de grupos cuja prática social e musical se encontram às margens do discurso oficial pedagógico, enfatizando, sobretudo, questões que permeiam o universo cultural de um coro de mulheres cujo passado histórico estiveram nas bases da construção de suas performances e representação social.

**Palavras-chave:** sustentabilidade, música, Ganhadeiras de Itapuã, cultura itapuãzeira, processo de ensino e aprendizagem musical.

O artigo refere-se à pesquisa cujo arcabouço teórico conjugou autores de diversos campos de estudo (idade/geração; educação; educação musical; etnomusicologia, cultura da educação, cultura, psicologia da educação, dentre outros) a fim de discutir o processo de ensino e aprendizagem observado e analisado no grupo As Ganhadeiras de Itapuã, tomando-o como um exemplo de contexto não escolar de aprendizagem musical cujas bases teóricas aportaram, principalmente, na Abordagem PONTES<sup>2</sup> (AP)<sup>3</sup>. Assim, foram vários os olhares passíveis de emergirem discussões interdisciplinares.

O caso estudado teve por foco “um grupo formado por mulheres negras que reproduz o árduo modo de vida das negras de ganho do século XIX de forma lúdica, e das quais, algumas são suas descendentes” (CONDÁ, 2008, p. 2).

(...) O grupo teatraliza parte da atividade do ganho. Animadas pelo samba de roda, crianças e senhoras remontam o passado em que as negras do ganho andavam de Itapuã até as freguesias (bairros) do Centro de Salvador com uma gamela (vasilhame de madeira) na cabeça para comercializar produtos e serviços – peixes, frutas, verduras, quitutes, lavagem e costura de roupas. (CONDÁ, 2008, p. 2)

A pesquisa em questão trouxe um olhar sobre as chamadas articulações pedagógicas (Oliveira, 2005, p. 205-216; Oliveira e Harder, 2008, p. 70-83), percebendo-se que o lugar dos saberes das Ganhadeiras, esteve inscrito na representatividade de seu canto – através dos pregões –, marca distintiva de sua manifestação. Talvez isso explique o encantamento que a audição do grupo causava em

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: <hau-tanaka@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Positividade, Observação, Naturalidade, Técnica, Expressividade, Sensibilidade.

<sup>3</sup> Sobre abordagem PONTES, ver o *blog*, disponível em: <<http://aldadejesusoliveira.blogspot.com.br>>.

seus ouvintes, o que me faz retornar ao início da pesquisa, reproduzindo minhas próprias palavras, ao relatar o primeiro contato que tive com aquelas vozes: “Somos um corpo só’, diriam elas, uma só voz bradando sons de outrora, remontando a uma época em que as vozes, por vezes, eram sufocadas pelo trabalho; outras vezes, aliviavam a labuta diária” (TANAKA-SORRENTINO, 2012, p. 1). E refletindo mais adiante, comento: “Compreendo que não eram apenas as vozes, as músicas ou a atmosfera que pairava no ambiente *per se*, mas era a exposição de suas verdades através do canto, através da arte que estava sendo explicitada” (TANAKA-SORRENTINO, 2012, p. 50).

A presente pesquisa, todavia, de modo específico surgiu como um contraponto a outras pesquisas que também tiveram a AP como aparato teórico (TANAKA-SORRENTINO e FOGAÇA, 2012), uma vez que todas as anteriores centraram-se em um contexto de ensino musical escolar (ensino básico e escola de música). De certo modo, um meio oposto ao que ocorreu com o contexto original que fundamentou as bases da AP<sup>4</sup> que foi “consubstanciada a partir da observação sistemática da prática pedagógica de mestres de cultura popular da Bahia” (OLIVEIRA, 2011), ou seja, em ambientes não escolares e à margem do sistema formal de ensino de música. A abordagem serve de suporte para estimular novas diretrizes para a formação e formação continuada dos educadores musicais, bem como fomentar debates a respeito dos currículos em música, num momento de franca implantação e movimentação da comunidade acadêmica da área, sob efervescentes discussões, a partir da aprovação da Lei nº 11.769 (de 18/08/2008) que instituiu a obrigatoriedade do conteúdo musical, ainda que não exclusivamente, nas escolas em todo país.

### **As ganhadeiras e suas atividades**

A palavra própria desta cultura popular refere-se àquela que mercadejava, apregoava para vender, no comércio de ganho, a “ganhadeira”, e não como traz o léxico – ganhadora (TANAKA-SORRENTINO, 2012, p. 4), embora esse também seja um termo utilizado em alguns relatos que retratam histórias sobre as ganhadeiras (ANDRADE, 1987 apud PINTO, 2009, p. 171).

As Ganhadeiras de Itapuã batizaram o grupo com esse nome para homenagear essas antigas mulheres, negras escravizadas ou libertas. É um coro feminino que canta

---

<sup>4</sup> Sobre a comparação entre dois contextos de ensino e aprendizagem musical analisados sob o suporte teórico da AP, ver o artigo de Tanaka-Sorrentino e Fogaça (2012).

suas histórias e que bem retratam um período que remonta a fins do século XIX e início do século XX, assim como à Itapuã de antigamente, considerada um bairro-balneário (ligado ao turismo e lazer) e centro vital da região onde está inserida. Além disso, enaltecem os aspectos da beleza natural da praia de Itapuã, da região circundante do Abaeté (Lagoa) e tantas outras tradições ligadas às suas microcomunidades, partes da comunidade itapuãzeira e adjacências.

As músicas compostas pelo e para o grupo descrevem bem essas histórias e suas histórias de vida, o local onde habitam e as personagens desta particular ex-vila de pescadores.

Passado e Presente Eunice Jorge	Repete (A)
<p>(A) Refrão: Desde o tempo de criança Eu veraneava em Itapuã Hoje, moro nesta terra, Entrego a Deus, o amanhã Água encanada não existia Os poços é que serviam Lata d'água, na cabeça Mamãe dizia: “Não esmoreça!” Refrão Itapuã, dos coqueirais Itapuã, do Abaeté Itapuã, de Dorival e Vinicius Dos baianos e do acarajé</p> <p>*Compositora, sambista, ganhadeira, costureira e líder de coro da Igreja de Nossa Sra. da Conceição de Itapuã.</p>	<p>(Falado): Itapuã, terra boa, hospitaleira Me lembro no meu tempo de criança Morava na Liberdade Veraneava aqui em Itapuã Mamãe mandava comprar peixe na praia Eu ia com meus irmãos Puxava a rede, ganhava qui[nh]ão Levava muito peixe pra casa, às vezes, o dinheiro de volta Lavava roupa no Abaeté Cantava em programa de calouro Itapuã era uma paz! Mas, a paz de Itapuã vai voltar, porque Deus quer, Deus pode, Deus é mais. Deus pode tocar em mim, Deus pode tocar em você e a paz acontecer, não só em Itapuã, mas no mundo inteiro!</p>

O que se percebe é que o grupo valoriza a terra e suas personalidades itapuãzeiras, mostrando que não só a natureza e o lado idílico devem ser salientados, de tal sorte que o enaltecimento das pessoas e dos recantos de seu lugar parece sempre estar no centro de suas manifestações, além de suas ações voltadas à proteção de suas produções. Na visão das ganhadeiras (coristas), as “versões [musicais] dos itapuãzeiros” seriam as mais fidedignas tanto ao contexto retratado quanto à legitimidade autoral de suas produções artísticas no que tangiam à divulgação do que era Itapuã em outras épocas. (TANAKA-SORRENTINO, 2012, p. 30).

O início da trajetória das Ganhadeiras foi pensado, muitas vezes, a partir de como seriam concebidos os modos e as características que se tornariam comuns ao grupo e em torno dos quais todos se desenvolveriam, também sobre o que era

representativo naquela microcomunidade para sua comunidade itapuãzeira, entendendo que suas realizações e o conhecimento de sua cultura deveriam ser passadas de geração a geração. Essas preocupações retratam o que podemos entender como parte de uma postura preocupada com o fenômeno da educação que, segundo Brandão:

(...) é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 1995, p. 10)

Artisticamente, compreendemos que, de forma lúdica e teatral, o grupo permitiu que conhecêssemos um pouco mais da história que não é só baiana, mas, sim, brasileira, pois a história das ganhadeiras faz parte de uma realidade em várias regiões do país, como atestado por outros relatos (REIS, 1987; REIS, 2001; ROCHA, 2004; BEGARD, 2004; PINTO, 2009). Bittencourt (2004, p. 18), em sua pesquisa, descreveu sobre a condição da mulher escrava no sistema imperial no Brasil e no Rio Grande do Sul, destacando as condições de sobrevivência, as profissões que couberam a essas mulheres, o relacionamento que se processou a partir dessa convivência e a importância das mulheres negras escravas na construção histórica brasileira. Quanto às atividades exercidas pelas mulheres escravas, podia-se encontrar: a) escravas de eito; b) escravas de ofício ou de aluguel, dentre as quais – encontrado no Jornal do Comércio (1859-1860) – as escravas de ganho, que ofereciam, diariamente, pelas ruas, os seus serviços ou produtos (BITTENCOURT, 2004, p. 15).

[Elas] Deveriam efetuar o pagamento de uma renda fixa, como parte do estabelecido. A estas era permitido viverem *independentes*, longe de seus proprietários, em quartos alugados com seus filhos, pagando o aluguel com seus próprios ganhos, destituindo o senhor de obrigações quanto à sua alimentação e vestuário.[...] Nas cidades, as mulheres escravas podiam ser vistas pelas ruas vendendo de tudo: frutas, verduras, comidas prontas, doces, pão, água, porções [*sic*] mágicas, flores, cigarros, velas. A produção ocorria em casa de suas senhoras com ou sem a participação delas no fabrico. Essas negras escravas, muitas vezes, extrapolavam ‘as suas funções de vendedoras e desempenhavam outras, como de benzedoras e líderes religiosas’, práticas estas proibidas no período imperial e inseridas no Código Criminal, Capítulo III, § 264, caracterizadas como crime de estelionato. (BITTENCOURT, 2004, p. 15)

O fato de estarmos tratando de um grupo que nos remete a uma história desconhecida para muitos, inclusive para pessoas da própria comunidade itapuãzeira, trouxe, no arcabouço de suas ideias, a necessidade de informá-las sobre um passado,

como foi dito, não só importante para os baianos. Foi, também, pensado no sentido de sua forte ramificação e fazer, de certo modo, contraponto a uma história que tinha o intuito de desafricanizar “toda uma rede de relações, hábitos e valores, próprios de uma cultura popular que se desenvolvia desde a colônia” (FERREIRA FILHO, 2003 apud PINTO, 2009, p. 182). E essa é uma das proposições que está por trás da manifestação artística e performática do grupo.

Pontualmente, o período pós-abolição legou muitos problemas ao país, dentre eles a situação dos ex-escravos que se viram sem trabalho e modo de se sustentar, levando-os a se refugiar na periferia das cidades, em meio a uma “campanha de branqueamento” em que se encontrava a sociedade brasileira republicana. As mulheres negras, muitas já libertas, buscaram no trabalho sua fonte de sustento, sendo consideradas, na pesquisa que ora apresentamos, as filhas do ganho. “As ocupações a elas destinadas eram, em muito, semelhantes às das escravas e forras [alforriadas], visto que a divisão do trabalho ainda excluía, no ano de 1920, 83,90% das mulheres do mercado formal de trabalho” (FERREIRA FILHO, 2003, p. 21 apud PINTO, 2009, p. 184).

### **Imbricações da cultura: o caso das Ganhadeiras**

Um dos pontos cruciais para o entendimento dos meandros dessa pesquisa é a compreensão sobre o que nos fala Merriam (1964, p. 146) ao citar Herskovits (1948, 310) que sugeriu o termo “enculturação” (*enculturation*). Primeiramente, Merriam (1964, p. 145) diz que “para falar sobre um processo inteiro de acumulação de conhecimento musical seria evidentemente impossível, para isso envolveria o entendimento de todos os mecanismos de aprendizagem em todas as sociedades<sup>5</sup>”. Assim, ao invés de descrever o processo de aprendizagem cultural e distingui-lo, mais especificamente, da aprendizagem social, Herskovits (1948, p. 310 apud Merriam, 1964, p. 146) chegou ao termo, entendendo que enculturação, portanto, corresponderia ao amplo e contínuo processo de aprendizagem de alguém sobre sua cultura. Isso, por sua vez, englobaria aspectos específicos como a socialização (*socialization*), a educação (*education*) e a escolarização (*schooling*). Socialização que diz respeito especificamente ao processo de aprendizagem social obtido nos primeiros anos de vida. Educação que seria o processo de aprendizagem dirigida, ambos formal e informalmente, que embasaria alguém a encontrar seu lugar como membro de uma sociedade, na fase

---

<sup>5</sup> *To speak about the entire process of accumulating music knowledge is patently impossible, for it would involve an understanding of all the mechanisms of learning in all societies.*

adulta. Por último, a escolarização que se refere a “aqueles processos de ensino e aprendizagem que continua em determinados momentos, em lugares particulares, fora de casa, por períodos definidos, por pessoas especialmente preparadas ou treinadas para a tarefa”<sup>6</sup> (HERSKOVITS, 1948, p. 310 apud MERRIAM, 1964, p. 146).

Sendo assim, pode-se dizer que durante a pesquisa foram retratadas nuances desse amplo processo de enculturação, nesse contexto de ensino e aprendizagem, mais especificamente musical/cultural. Embora seja sentida a ausência do sistema educacional formal, acadêmica ou institucional nas análises realizadas, o contexto estudado permanece sendo um espaço de aprendizagem onde persiste uma determinada cultura. E sendo a cultura, um comportamento aprendido, a aprendizagem ocorreu inevitavelmente. Pois, segundo Vygotsky (apud OLIVEIRA, 2008), “é a cultura que fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade”. Assim, ao longo de sua vida, a pessoa internalizaria estruturas de comportamento, de tal sorte que seriam passadas culturalmente.

Para Green (2008, p. 5), a enculturação é o processo de assimilação de valores pelo indivíduo, que ocorre quer na socialização quer na aculturação, aquele difere desta por se tratar de cultura assimilada por um membro dessa mesma cultura, enquanto a aculturação ocorre através do contexto ligado a elementos culturais de outras culturas (TANAKA SORRENTINO, 2011, p. 57). “‘Enculturação’ ou imersão na música e nas práticas musicais do ambiente de alguém é um fator fundamental comum a todos os aspectos da aprendizagem musical, seja formal ou informal”<sup>7</sup> (GREEN, 2008, p. 5), sendo este o sentido adotado e que embasou o estudo ora realizado.

## **Música na comunidade itapuãzeira**

O estudo, metodologicamente, funde um estudo de caso com uma etnografia das Ganhadeiras<sup>8</sup> de Itapuã – estudo de caso etnográfico –, com feições, inicialmente

---

<sup>6</sup> (...) *those processes of teaching and learning carried on at specific times, in particular places outside the home, for definite periods, by persons especially prepared or trained for the task.*

<sup>7</sup> *‘Enculturation’, or immersion in the music and musical practices of one’s environment, is a fundamental factor that is common to all aspects of music, learning, whether formal or informal.*

<sup>8</sup> Algumas pesquisas sobre ganhadeiras e sobre As Ganhadeiras de Itapuã: a) Maria Cecília Moreira Soares. *As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX*. In: *Afro-Ásia*, v. 17. Salvador, CEAO-UFBA, 1996. b) Renata Leahy e Lara Machado. *Estórias das Ganhadeiras de Itapuã*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo). Salvador: Faculdade de Tecnologia e Ciências, Salvador, 2006. c) José Manoel de Assis Sousa e Maurício Andrade. *Revalorização histórica e cultural do bairro de Itapuã*. Monografia de conclusão de curso de Turismo. Departamento do Turismo da Faculdade Visconde Cairú. Salvador, 2006. d) Maria de Fátima Soledade e Renilda do Vale. *As Ganhadeiras de Itapuã: uma manifestação cultural afro-brasileira*. Cd produzido como requisito parcial de conclusão a disciplina Laboratório de Cultura

etnográficas, que resultou no primeiro capítulo que contou a história das mulheres ganhadeiras-coristas e a história de seus antepassados, ambas, posteriormente, vieram a se fundir e dar suporte à manifestação cultural que originou o grupo musical. O principal intuito, todavia, da pesquisa foi compreender como se dava seu processo de ensino e aprendizagem musical, em suas articulações pedagógicas, entre os seus participantes e no interior de sua comunidade – itapuãzeira<sup>9</sup>.

Durante a pesquisa foram coletados depoimentos – parte de uma etnografia – e trechos de entrevistas com histórias das ganhadeiras e de moradoras de Itapuã, recontados pelo grupo estudado e por antigos itapuãzeiros:

*Anamaria:* A gente tem que falar pras pessoas, porque acha o nome vulgar. Muitas pessoas criticavam, achava que era prostituição. [*Pergunta em tom de escárnio:*] – Por que ganhadeira?; – Olha gente, ganho quer dizer lucro ou vantagem. Ganhadeira é mulher destinada ao trabalho do ganho ou serviço do ganho. [*Continua contando*] Como é, que mercadeja [*mercadeja*], que mercava com seus tabuleiros, com gamelas..., com cestas, vendiam, porque naquele tempo não tinha mercado, quanto mais supermercado, tinha quitanda, entendeu? Algumas quitandas. Depois é que surgiu as venda[s] [*sinônimo de barraca e bodega*], aquelas bibocas, depois foi armazém. E daí com a evolução do tempo, que surgiu, hoje, o hiper, o hipermercado. Não existia isso. Era, na casa mesmo as pessoas botavam as coisas para vender, eram aquelas coisas básicas, alimentos básicos e também, as quintanda[s] e algumas vendinhas. Era o trivial mesmo que era carne do sertão, que a gente chama carne seca que é o charque de hoje em dia... o toucinho, a chouriça... o feijão, a carne, o açúcar, bolacha, pão era difícil... e a gente vivia. (ANAMARIA DAS VIRGENS, corista do grupo, entrevista, 24/01/2009)

O grupo foi constituído com a finalidade de disseminar antigas tradições culturais de Itapuã (bairro da periferia de Salvador-BA), a partir da memória afetiva<sup>10</sup> de suas integrantes mais velhas. A maioria delas, descendentes de ganhadeiras que viveram no bairro na época em que a localidade era uma pequena vila de pescadores e que sobreviviam e perscrutavam o direito de calçar sapatos – e, assim, alcançar a alforria – a partir das quantias que perfazia e economizavam através da venda de produtos alimentícios transportados na cabeça, dentro de tabuleiros e gamelas, através dos pregões, por várias partes do Brasil.

O pregão tem sido conceituado como pequena linha melódica com palavras destinadas a anunciar o produto que é vendido. Seria talvez a matéria que teria dado origem ao *jingle* que hoje em dia é comuníssimo da radiofonia e na televisão. Habitualmente, o pregão é cantado em voz alta, fortemente, a fim de ser ouvido à distância. Poderá ser feito sem palavra alguma, como é o caso de instrumentos percutidos. (GUERRA-PEIXE, 2007, p. 175)

---

Material Africana (Departamento de Museologia/ UFBA) 2007. João José Reis. *The Revolution of the Ganhadores*. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pps/158398>>. Acesso em: 20 mar. 2008.

<sup>9</sup> É a forma como os nativos de Itapuã denominam sua comunidade, assim como se autodenominam de itapuãzeiros(as) aqueles nascidos ou pertencentes à Itapuã.

<sup>10</sup> Sobre a memória afetiva, ver Tanaka Sorrentino (2012, p. 192-198).

Os pregões são conhecidos no mundo inteiro e em todos os tempos, podendo ser divididos em duas categorias: os individuais, em que o vendedor escolhe uma maneira de apregoar, valendo-se muitas vezes de emboladas, modinhas, maxixes, sambas e até mesmo de árias vulgarizadas; e os genéricos que são utilizados por todos os vendedores do mesmo artigo, como os vassoureiros e compradores de garrafas vazias no Rio de Janeiro (ALMEIDA apud CASCUDO, 1972, p. 731).

Segundo o principal gestor/produtor do grupo, uma das principais reivindicações oficiais das Ganhadeiras surgiu a partir da abertura de um processo junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no qual requerem que sejam encaminhados os trâmites do que poderá vir a ser um projeto de salvaguarda dos pregões (bordões) das ganhadeiras, também chamados de cantos de trabalho, cantados e/ou recitados, a fim de tornar o grupo patrimônio imaterial da humanidade (SALGADO, depoimento, 06/03/2010 apud TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 14).

A mercação é considerada um dos pontos altos da performance das Ganhadeiras que se traduz na herança sobre um aspecto que se perpetuou através do tempo. Como se fosse, de fato, a ponta do *iceberg* de um bloco de ações e performances artísticas, culturais e musicais, o grupo encena cenas de mercação que, ainda hoje, repetem-se no cotidiano das capitais do país, legado do passado dos escravos e escravas que sobreviviam da renda do ganho e que deram origem, atualmente, aos conhecidos vendedores ambulantes.

É comum encontrar ‘vendedores anônimos’ que, para completar a renda familiar, utilizavam estratégias de marketing peculiares, como a incorporação do som (voz ou instrumentos musicais) para chamar a atenção e persuadir clientes. Triângulo, apito, megafone, pandeiros, sino e cantorias são algumas das formas mais usadas para incrementar a prática comercial. [...] O mestre em história social e coordenador do Centro de Documentação e Informação Cultural da Bahia (Cedic), Paulo de Jesus, explica que esses negros tinham como característica a capacidade de adaptação, boa comunicabilidade, habilidade para negociação e conhecimento do espaço geográfico. Com tanta desenvoltura, estabeleciam uma relação rentável para o senhor e um pouco mais livre para si. Em troca pagavam o jornal (espécie de diária cobrada pelo dono do escravo) e tinham mais facilidade para andar pela cidade. Mas essa autonomia era temida pelo Estado. Várias foram as tentativas de impor normas e meios para controlar o comércio desenvolvido pelos negros. (CONDÁ, 2008, p. 2)

A adaptabilidade, a desenvoltura e a boa capacidade de comunicabilidade, dentre outros fatores, quiçá tenham, juntamente a outras habilidades, passado de geração a geração, mesmo porque a função de ganhadeira-corista (dentro do grupo, inclusive), ainda para algumas, permanece sendo uma realidade cotidiana. Daí se entender que, na qualidade de comerciantes, as ganhadeiras-coristas trazem consigo habilidades que

podem ter sido passadas por outras gerações e que podem ter contribuído para o desenvolvimento de habilidades em outras atividades. Todavia, essas observações são conjecturas suscitadas pela citação supramencionada, não tendo havido especificamente uma pesquisa mais aprofundada (TANAKA-SORRENTINO, 2012, p. 28).

O grupo surgiu em março de 2004, nos terreiros das casas de Dona Cabocla (c. de 95 anos de idade) e de Dona Mariinha (76 anos, ganhadeira-corista), ambas moradoras antigas do bairro. Ali surgiram os sambas de roda do passado, as canções, as narrativas e a ideia de se criar um espetáculo musical, no qual as pessoas pudessem cantar e dançar sua própria história. No ano seguinte, em 2005, o número de apresentações foi crescendo e houve necessidade da formalização da iniciativa que resultou na criação da Associação Cultural As Ganhadeiras de Itapuã. Hoje, o grupo é composto por cerca de 40 pessoas, com funções diversificadas, sendo a maioria senhoras e meninas com idades que variam entre 08 e 78 anos de idade. São lavadeiras, baianas de acarajé, domésticas, donas de casa, costureiras, estudantes, além de alguns homens que são músicos, professores (capoeira, arte-educadores, instrumentos musicais, etc.) e produtores culturais. No palco, participam cerca de seis adolescentes que cantam e encenam (apenas um adolescente); seis músicos que, juntos com a sonoridade das vozes de 17 senhoras, realizam o espetáculo musical que busca contar um pouco do que era o jeito de ser e de viver do itapuãzeiro através dos ritmos e das letras das cantigas, cirandas, sambas e dos sambas de roda praieiro de Itapuã. A pesquisa, ainda, contou com cerca de 30 entrevistas – entre individuais e coletivas –, além de documentos, fotografias, *blogs*, via internet ou em papel impresso, além de vasta documentação audiovisual dentre ensaios (17, de um total de 37), apresentações (10) e de depoimentos informais, comunicações pessoais coletados pela pesquisadora.

Letras e músicas foram coletadas pela pesquisadora e arquivadas para serem utilizadas como uma possível forma de contrapartida, no intuito de produzir, futuramente, um livro contendo a história das ganhadeiras e o processo de ensino e aprendizagem musical estudado, bem como as músicas que fizeram parte da tese (53 músicas transcritas, dentre mais de 100, coletadas durante a pesquisa) (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 485).

### **Sustentabilidade nas Ganhadeiras de Itapuã**

O grupo investiu-se do propósito de criar uma “forma contemporânea própria de comercialização, numa releitura dos padrões culturais de parte de uma população negra

do século XIX” – as mulheres (CONDÁ, 2008, p. 2). No século XIX, Andrade (1987 apud PINTO, 2009, p. 171) apresenta um índice de quase 26% de escravas trabalhando como “ganhadoras” ou “artífices”. João Reis, ao retratar o cotidiano dos escravos presos no levante malê, em Salvador, em 1985, transcreve fala de algumas escravas: “(...) a escrava haussá Emerenciana, por exemplo, declarou ao juiz que vivia só, de seu negócio de vender comidas em Santa Bárbara, e tinha ‘licença do seu Senhor para pagar-lhe semana’” (REIS, 1987 apud PINTO, 2009, p. 169). Segundo Thornton (apud PINTO, 2009, p. 172), “uma parte dessa grande comunidade afro-brasileira era constituída de diversos escravos que trabalhavam em regime de semi-independência. Em um desses grupos incluíam-se escravos, geralmente mulheres, que seus donos mandavam ganhar dinheiro”. Pinto (2009, p. 172) faz uma citação de Nina Rodrigues (1976, p. 101) em que este diz que “as mulheres, em vendas ou quitandas, nas portas das casas, ou ambulantes em tabuleiros, praticam o comércio urbano de comidas feitas, especialmente dos preparados culinários africanos”.

A partir de uma concepção renovada, se comparada ao *modus operandi* da ganhadeira do século XIX, que levava na cabeça o tabuleiro com produtos alimentícios para vendê-los pela rua, As Ganhadeiras de Itapuã vêm transformando os palcos em seu grande “tabuleiro”, [en]cantando e sambando sua história convertendo-os em produtos culturais, comercializados em um modificado sistema de ganho, através do qual almejam alcançar sua emancipação política e econômica, assim como fizeram suas ancestrais, todavia, dentre novas necessidades emergentes em plena época globalizante.

Entre os vários fatores que contribuiriam para o sucesso alcançado pelo grupo, bem como a renovação proposta por ele, dentro da comunidade como um todo, principalmente da Baixa do Dendê (bairro onde habita a maioria dos participantes do coro), destacamos:

(a) a criação de uma metodologia de trabalho que vem se consolidando a cada dia, em seu próprio fazer musical, criando outros grupos musicais liderados por seus participantes. “Os Meninos da Baixa do Dendê”, grupo de percussionistas mirins, é liderado por um dos primeiros integrantes do grupo, quando ainda era criança. Hoje, o rapaz de 17 anos de idade que criou o grupo, vem contribuindo para transformar a Baixa do Dendê em um ambiente musical (de ensino musical), com ritmos baianos, em que canta acompanhado pelos meninos da Baixa, utilizando instrumentos construídos a partir de sucata e material reciclável (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 241); (b) tantas articulações pedagógicas entre as pessoas envolvidas que enriqueceram as

observações e análises da pesquisadora sobre o grupo (TANAKA SORRENTINO, 2012); (c) a dedicação e o empenho que levaram o grupo a criar meios de sustentabilidade para suprir as necessidades iniciais em sua formação e que, conseqüentemente, estimularam ações futuras para garantir a manutenção do grupo; (d) a capacidade de acolhimento e o respeito às diferenças, sobretudo, as diferenças etárias e religiosas dos integrantes, destacando os sistemas de marcadores sociais de seus integrantes, dentre eles o da idade/geração (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 150); (e) o zelo e a responsabilidade no uso das coisas do grupo, sobretudo na utilização dos recursos financeiros; (f) a legitimidade da proposta cuja base é a própria história das pessoas participantes; (g) o reconhecimento da comunidade itapuãzeira que se identifica com o trabalho do grupo, inclusive, tendo recebido, influência e colaboração de mulheres itapuãzeiras (Dona Helena, Dona Francisquinha, Dona Áurea, Dona Petu, Dona Cabocla (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 29-42); (h) a mudança provocada na vida das pessoas: melhoria na qualidade de vida das senhoras que obtiveram novas e futuras perspectivas e que com a participação no grupo tornaram-se artistas, aplaudidas e respeitadas em seu âmbito comunitário e no meio artístico musical baiano, sendo convocadas, inclusive, a se apresentarem para alunos da rede pública de ensino; o mesmo ocorreu com as adolescentes que começaram ainda crianças e, hoje, mais seguras e independentes no sentido de suas performances musicais, passaram a ser solistas em vários momentos do show e almejam uma carreira musical (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 361) e que vêm participando de show de artistas baianos como Mariene de Castro, Carlinho Brown, Margarete Menezes, Gerônimo, Tonho Matéria, dentre outros; (i) a autossustentabilidade conseguida através da venda de shows que possibilitou a compra de todos os instrumentos, figurinos, adereços utilizados e uma remuneração básica aos participantes; (j) o recebimento do Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 Anos de Frevo –, concedido pelo Ministério da Cultura do Brasil através da Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural, reconhecendo o trabalho do grupo como ação exemplar do setor.

O grupo, inspirado na sabedoria das antigas mulheres ganhadeiras, mantém o sistema de ganho seu principal meio de emancipação e sustento familiar. A Associação Cultural As Ganhadeiras de Itapuã quer desenvolver o potencial econômico e criativo do grupo, identificado a partir do sucesso alcançado com o trabalho musical e estabelecer-se no cenário da cultura popular da Bahia como uma iniciativa empreendedora e autossustentável, ingressando em uma nova fase que está se iniciando

a partir da gravação e divulgação do CD Kwará, primeiro do grupo (COMUNICADO..., 2012, p. 17). Além da fonte de sustentabilidade principal – a música –, foram identificadas diversas atividades do grupo cujo potencial econômico e autossustentável tangenciaram também as áreas da gastronomia, do artesanato, da produção de eventos, da educação artística, do turismo cultural e da criação de moda.

Em relação à área da música, além da existência de um contexto de ensino e aprendizagem musical que foi, inclusive, objeto de pesquisa, salientamos o trabalho que vem sendo desenvolvido por mestres/facilitadores/ mediadores do grupo na transmissão dos saberes musicais (TANAKA SORRENTINO, 2012). Para dar continuidade, compõem a agenda do grupo, dentre outras metas, a aquisição de um espaço próprio onde o grupo possa realizar os ensaios tanto quanto possa dar visibilidade ao seu trabalho, bem como realizar seus registros audiovisuais.

Paralelamente, outras atividades têm sido pensadas para a sustentabilidade do grupo, previstas para acompanhar as musicais. Na área da gastronomia, por exemplo, a ideia é a criação de um restaurante temático voltado para a comida tradicional com destaque para as receitas, das antigas ganhadeiras de Itapuã, recuperadas através de pesquisas realizadas entre as integrantes mais velhas e outras moradoras antigas da comunidade. Além do restaurante, se pensa também na criação de uma linha de produtos alimentícios que inclui doces em calda, cocadas e biscoitos produzidos de forma artesanal (com a marca Ganhadeiras de Itapuã), bem como a edição de um livro de receitas. Com relação ao artesanato e à moda, se pensa em produzir e comercializar uma linha de bonecas caracterizadas de ganhadeiras, além de saias, calças, batas e bolsas de tecido que levem a marca das Ganhadeiras de Itapuã. Ainda nessa área, se pretende criar uma linha de camisetas de algodão, decoradas com estampas das mulheres ganhadeiras. Na produção de eventos se idealiza a realização de três importantes empreendimentos: (1) “A Festa das Ganhadeiras” – festival de cultura popular com ênfase no samba de roda, a ser realizado anualmente, cujo principal objetivo é promover o samba de roda da Bahia, instituindo um espaço de celebração deste ritmo que é uma das matrizes do samba brasileiro; (2) “Ensaio das Ganhadeiras de Itapuã” – série de shows promocionais a serem realizados pelo grupo ao longo do ano, com a participação de atrações convidadas; (3) “Criação do Troféu Ganhadeira” – premiação anual, que tem como objetivos homenagear personalidades que tenham contribuído para valorização da mulher e mulheres de comunidades carentes que tenham se destacado como empreendedoras de sucesso.

Na área da educação artística/educação musical o grupo almeja desenvolver cursos de formação musical (instrumentos de percussão, de cordas – viola, violão –, de sopro e canto, voltados para mulheres e meninas/adolescentes do grupo, bem como de comunidades carentes dos arredores de Itapuã, a fim de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por mulheres itapuãzeiras que culminaram na criação do grupo (TANAKA SORRENTINO, 2012, p. 20-32). Cursos de teatro e dança afro, direcionados ao público feminino. E com relação ao turismo cultural, se pensa na criação de um museu voltado para valorização da cultura das antigas tradições das ganhadeiras e pescadores de Itapuã.

Enfim, todas essas ideias foram pensadas com base na autossustentabilidade do grupo e fazem parte de um ambicioso plano de expansão do trabalho do grupo, acreditando que este venha a ser um meio de sustento para ele, bem como forma de manutenção e transformação social para a comunidade itapuãzeira e adjacências.

Dentre os planos que se pensam para o futuro do grupo musical estão: a) a consecução dos recursos necessários para aquisição de imóvel e construção de um centro cultural – o Centro Cultural Casa de Ganho ou Casa das Ganhadeiras. Além de abrigar os projetos de expansão do grupo, o centro cultural viria suprir uma enorme carência existente na região de Itapuã em termos de espaços públicos para difusão da produção cultural local e capacitar uma equipe de gestores com participantes do grupo, a formarem pessoal para administrar os interesses do próprio grupo e executar seus futuros projetos.

A ideia basilar, portanto, de inovação e sustentabilidade é, antes, dar visibilidade às mulheres desta comunidade, valorizando aquelas que sempre foram o sustentáculo da cultura, bem como de dar continuidade ao projeto de manter viva a tradição e continuar incentivando a transmissão dos saberes, principalmente, musicais e culturais. O empoderamento dessas mulheres e garotas itapuãzeiras começam, portanto, na manutenção dessa cultura própria de Itapuã, bem como de todas as ideias que possam ser colocadas a serviço da transformação de suas vidas, a partir da compreensão e valorização do que representou(a) a atividade de ganho: luta pela sobrevivência e sustentabilidade.

## **Referências**

ANAMARIA DAS VIRGENS. Entrevistada pela pesquisadora, 24 jan. 2009, Itapuã, gravação em HD da filmadora JVC [arquivada em HD externo Hitachi].

BEGARD, Laird W. *Escravidão e história econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888*. Bauru: EDUSC, 2004. (Coleção História).

BITTENCOURT, Marilza Kreche Portal. *Resistência da mulher escrava*. Porto Alegre: Est Edições, 2004. (Coleção Raízes Africanas, 2).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro: Ediouro, 1972, p. 731 (Coleção Terra Brasilis).

COMUNICADO DE DEMANDA ESPONTÂNEA DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Disponível em: <[http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2010/09/Comunicado-de-habilita%C3%A7%C3%A3o\\_Demanda-Espont%C3%A2nea\\_FCBA.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2010/09/Comunicado-de-habilita%C3%A7%C3%A3o_Demanda-Espont%C3%A2nea_FCBA.pdf)>. Acesso em: 3 mar. 2012.

CONDÁ, Diana. Trabalho das negras de ganho vira arte em Salvador. *Jornal Irohin*, n. 17, 2008. Disponível em: <http://www.irohin.org.br/imp/template.php?edition=17&id=11>. Acesso em: 7 abr. 2008.

GREEN, Lucy. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. London: Ashgate, 2008.

GUERRA-PEIXE, César. *Estudos de folclore e música popular urbana*. Organização, introdução e notas de Samuel Araújo. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 175-180.

MERRIAM, Alan P. Learning. In: \_\_\_\_\_. *The anthropology of music*. Evanston, Illinois: Northwestern University of Press, 1964. p. 145-163.

OLIVEIRA, Alda. Music teaching as culture: introducing the PONTES approach. *International Journal of Music Education*, London, v. 23, n. 3, p. 205-216, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pontes educacionais em música*. Texto-resumo apresentado e distribuído no ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 17. São Paulo, 2008. Salvador: P&A.

\_\_\_\_\_. *A abordagem PONTES*. 2011. (no prelo)

OLIVEIRA, Alda; HARDER, Rejane. Articulações pedagógicas em música: reflexões sobre o ensino em contextos não-escolares e acadêmicos. *CLAVES: periódico do PPGMUS da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa*, n. 6, p. 70-83, 2008.

PINTO, Sérgio Maurício Pinto. *Família de negros: entre a pobreza e a herança cultural*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX*. Salvador: CEB, 2001. (Publicações do CEB, 149).

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROCHA, Cristiany Miranda. *Histórias de famílias escravas: Campinas, século XIX*. Campinas: UNICAMP, 2004.

TANAKA SORRENTINO, Harue. Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico. 2012. 550f. Tese (Doutorado em Música)– Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TANAKA SORRENTINO, Harue. Articulações pedagógicas no coro das *Ganhadeiras de Itapuã*: um estudo de caso etnográfico. *Revista Espaço Intermediário*, v. 1, n. 3 (2), p. 57, 2011. Disponível em:  
<<http://www.projetoguri.org.br/revista/index.php/ei/article/view/63>>. Acesso em: 2 dez. 2011.

TANAKA-SORRENTINO, Harue; FOGAÇA, Vilma de O. Breve análise comparativa entre duas pesquisas. Disponível em:  
<<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/ANPPOM2012/TrabalhosEscritos/paper/view/1673>>. Acesso em: 2 jul. 2012.